

INFORME RURAL ETENE

ANO 1, Nº 06 – JUN/2007

DESEMPENHO E PERSPECTIVAS DA AVICULTURA INDUSTRIAL

Alfredo Augusto Porto Oliveira
Mestre em Economia Rural, Consultor Externo do ETENE
Antonio Nogueira Filho
Mestre em Ciências Avícolas, Pesquisador do ETENE

Fone: (85)3299-3234
Fax: (85)3299-3474
nogfilho@bnb.gov.br

Francisco Raimundo Evangelista
Mestre em Economia Aplicada, Pesquisador do ETENE

Fone: (85)3299-3419
Fax: (85)3299-3474
evan@bnb.gov.br

A avicultura brasileira apresenta perspectivas favoráveis para o ano de 2007, apesar de ainda permanecerem algumas ameaças derivadas dos problemas sanitários (Newcastle e Gripe Aviária) e das barreiras comerciais impostas pelos países importadores de frango.

Em 2006, por consequência da turbulência do mercado de carne de frango¹ ocorreu redução nos quantitativos e nos valores exportados pelas empresas brasileiras, com o preço médio da carne de frango exportada situando-se em torno de US\$ 1.130/t, significando redução de 6,1% em comparação aos resultados do ano anterior (US\$ 1.204/t) (Tabela 1). Foram exportadas 2,59 milhões de toneladas de carne de frango (queda de 6,4% em relação a 2005), pelo valor de US\$ 2,9 bilhões (redução de 12,1% sobre o ano anterior). Deve-se observar que a participação relativa dos cortes de frango tem sido sempre crescente em relação ao frango inteiro (63,3% da quantidade total exportada em 2006) e esse fato tem sido importante para o aumento do preço médio do produto, visto que os cortes alcançam preços mais elevados e funcionaram como atenuante a uma queda mais expressiva nos valores exportados.

Tabela 1 – Exportações Brasileiras de Carne de Frango, por Tipo, 2003-2006

ANO	TIPOS								
	INTEIROS			CORTES			TOTAL		
	Valor US\$ milhões	Mil t	US\$/t	Valor US\$ milhões	Mil t	US\$/t	Valor US\$ milhões	Mil t	US\$/t
2003	617,3	798,0	773	1.092,5	1.124,0	972	1.709,7	1.922,0	890
2004	801,8	974,6	823	1.692,1	1.450,0	1.167	2.493,9	2.424,6	1.029
2005	1.087,3	1.044,4	1.041	2.236,9	1.717,6	1.302	3.324,2	2.762,0	1.204
2006	937,9	948,7	989	1.985,7	1.637,1	1.213	2.922,6	2.585,7	1.130

FONTE: Elaboração própria, a partir de INSTITUTO FNP (2006)² e SECEX (2007)³.

Comprovando as expectativas favoráveis para os produtores nacionais em 2007, durante o primeiro quadrimestre deste ano as exportações de carne de frango totalizaram 945 mil toneladas, no valor de US\$ 1,19 bilhão, com previsão de superar 2.8 milhões de toneladas no ano⁴.

¹ Em 2003 surgiram focos de Influenza Aviária na Ásia, que atingiram a Europa em 2005, fazendo cair a demanda pela carne de frango em 2006.

² INSTITUTO FNP - Anualpec 2006 - Anuário da Pecuária Brasileira. São Paulo: Instituto FNP, 2006. 372 p.

³ SECEX. Disponível em www.desenvolvimento.gov.br. Acesso em 21 maio.2007.

No comércio internacional, Brasil e Estados Unidos despontam como os dois principais exportadores de carne de frango. O Brasil, apesar dos percalços sofridos em 2006, consolidou o posto de maior exportador do produto, que ocupa desde 2004 (Gráfico 1).

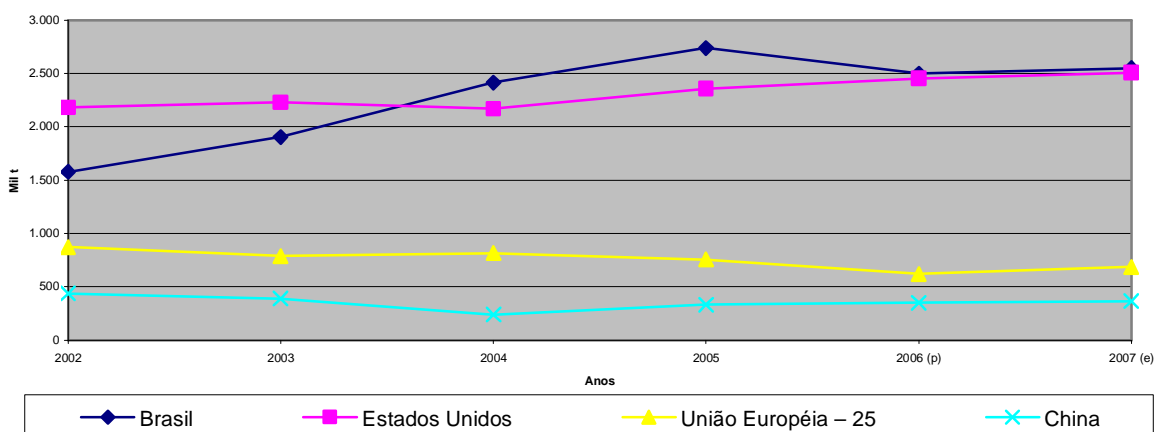


Gráfico 1 - Exportações Mundiais de Carne de Frango dos Principais Produtores - 2002 - 2007

Fonte: USDA/FAS, 2007⁵. Nota: (p) preliminar; (e) estimativa.

Os principais compradores de carne de frango no mercado internacional são a Rússia, o Japão e a União Européia, que concentraram praticamente a metade das compras mundiais em 2006 (aproximadamente 5,2 milhões de toneladas), devendo manter uma participação semelhante em 2007.

A produção mundial continua a apresentar crescimento, tendo alcançado 60 milhões de toneladas em 2006. Estados Unidos, China, Brasil e União Européia são os mais expressivos produtores, respondendo, juntos, por mais de 72% da produção mundial. Embora os Estados Unidos se mantenham como o maior produtor mundial, sua participação relativa vem diminuindo, motivada pelos baixos retornos econômicos e pela forte concorrência enfrentada no mercado internacional, em que o Brasil se destaca por seus menores custos de produção, possibilitando-lhe aumentar sua participação entre os produtores mundiais.

O consumo mundial de carne de frango alcançou 58,9 milhões de toneladas, em 2006, destacando-se os Estados Unidos como maior consumidor, seguindo-se China, União Européia, Brasil, México, Rússia, Índia e Japão.

A produção brasileira de carne de frango atingiu 9,4 milhões de toneladas, em 2006. A Região Sul constitui-se na principal produtora brasileira, sendo responsável por mais de 50% da produção nacional, seguida, em ordem, por Sudeste, Centro-Oeste, Nordeste e Norte (Tabela 2). A partir de 2003, o Centro-Oeste superou o Nordeste na posição de 3º maior produtor nacional, contribuindo para isso a sua condição de grande produtor de grãos, que se reflete na redução dos custos de produção avícola.

⁴ AVISITE - Em quatro meses, embarques de carne de frango in natura superam US\$1 bi – Disponível em: <http://www.avisite.com.br/noticias/default.asp?codnoticia=7899> Acesso em: 10 mai. 2007.

⁵ USDA/FAS – <http://www.fas.usda.gov/dlp/circular/2006/06-03LP/poultry_sum.pdf> Acesso em: 27 maio.2006

Tabela 2 – Estimativa da Produção Brasileira de Carne de Frango por Regiões, 2000-2006 (mil t)

Regiões	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Norte	74	87	108	94	98	121	134
Nordeste	513	547	587	565	605	704	766
Sudeste	1.646	1.744	1.928	1.999	2.195	2.470	2.466
Sul	3.319	3.665	4.159	4.226	4.685	5.091	4.996
Centro-Oeste	429	523	668	761	826	963	992
Brasil	5.981	6.567	7.449	7.645	8.409	9.348	9.354

Fonte: ANUALPEC 2007 ⁶(Os dados estimados consideram o rendimento médio de carcaça).

No Nordeste, a produção de carne de frango situou-se em 766 mil toneladas em 2006, com destaque para os estados de Pernambuco, Bahia e Ceará – juntos representaram 72% da produção (Tabela 3). O crescimento da produção nordestina desde 2000 (14,4%) deve-se, sobretudo, ao desempenho do Estado da Bahia (+205,0%), cuja produção se elevou de 58,4 mil para 178 mil toneladas no período. Outro destaque em termos de crescimento no mesmo período foi o estado do Rio Grande do Norte (+288,2%), ainda que sobre uma base muito baixa.

Tabela 3 – Produção Nordestina de Carne de Frango por Estado, 2000 – 2006 (mil t)

Estados	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Pernambuco	193,8	190,0	184,6	166,4	175,9	199,5	221,6
Bahia	58,4	67,8	95,7	127,8	153,3	177,8	178,0
Ceará	119,2	117,6	126,3	113,1	115,3	134,6	150,6
Paraíba	28,9	34,8	43,5	46,3	39,8	45,0	57,5
Piauí	40,8	49,2	43,6	32,6	29,6	39,8	40,8
Rio Grande do Norte	8,1	10,4	18,2	10,8	17,8	26,7	31,3
Maranhão	24,9	36,6	24,3	18,4	22,6	27,3	29,6
Sergipe	22,0	22,8	28,9	27,9	28,2	28,3	28,8
Alagoas	17,0	18,2	21,3	22,1	22,5	24,6	27,7
Nordeste	513,1	547,4	586,6	565,4	605,0	703,6	766,0
Brasil	5.980,7	6.567,3	7.449,0	7.645,2	8.408,5	9.348,2	9.353,7

Fonte: Instituto FNP - ANUALPEC 2007⁷. Os dados estimados consideram o rendimento médio de carcaça.

A produção nordestina concentra-se em algumas áreas dos estados, com destaque para Conceição de Feira, Feira de Santana e São Gonçalo de Campos, na Bahia (6,37 milhões de aves); Quixadá, no Ceará (2,4 milhões de aves) e Bonito, em Pernambuco (1,2 milhão de aves).

Uma pesquisa recém-concluída pelo ETENE sobre a avicultura regional⁸, com atenção especial para os três estados maiores produtores (PE, BA e CE), destacou as vantagens comparativas e as vulnerabilidades da atividade, algumas das quais resumiremos a seguir:

1. Suprimento de Rações – A disponibilidade de rações representa um dos maiores obstáculos ao desenvolvimento da atividade avícola no Nordeste. As despesas com ração representam 57,5% dos custos de produção da avicultura no Nordeste, enquanto que para o Brasil esse percentual é de 56,9%; se considerarmos somente o custo da

⁶ Op. cit.

⁷ Op. cit.

⁸Provisoriamente intitulada “A Avicultura no Nordeste Brasileiro” (2007), elaborada pelos mesmos autores deste artigo.

agroindústria, a ração, no Nordeste, tem uma participação 1,2 ponto percentual maior que no Brasil (67,5% x 66,3%) (CONAB, 2006).

Tabela 4 – Custos de Produção da Carne de Frango – Brasil e Nordeste, junho/2006

Itens de Custo	Brasil	%	Nordeste	%
Do produtor				
1. Custos Fixos (A)	0,157	4,9	0,167	3,8
2. Custos Variáveis (B)	0,301	9,3	0,484	11,0
Total de Custos do Integrado	0,458	14,2	0,651	14,8
Da agroindústria				
3. Custos Fixos (C)	0,020	0,6	0,026	0,6
4. Custos Variáveis (D)	2,755	85,2	3,721	84,6
4.1 – Ração	1,841	56,9	2,531	57,5
Total de Custos da Agroindústria	2,775	85,8	3,747	85,2
5. Custo Fixo Total (A + C)	0,177	5,5	0,193	4,4
6. Custo Variável Total (B + D)	3,056	94,5	4,205	95,6
Custo Total (5 + 6)	3,233	100,0	4,398	100,0
Custo por quilo de Frango	1,289		1,697	
Preço do Frango Vivo (R\$/kg)	1,336		1,725	
Saldo	0,047		0,028	
Conversão Alimentar	1,900		1,980	
Peso Final do Frango	2,500		2,610	

Fonte: Elaboração própria, a partir de CONAB (2006)⁹. Médias dos custos de três tipos de aviário: automático, climatizado e manual.

Aquela diferença de custos, há que se acrescentar a incerteza da disponibilidade da ração que caracteriza a Região. Dadas as peculiaridades climáticas do Nordeste, a situação dos estados, com respeito à produção de milho e soja para o atendimento das necessidades da avicultura não é confortável, conforme se vê no Quadro 1 abaixo:

Quadro 1 – Nordeste - Relações entre o Consumo do Plantel Avícola e a Disponibilidade de Insumos

Estados	Relação Produção/Consumo de Milho		Relação Produção/ Consumo de Soja
	Safra Máxima	Safra Mínima	
Maranhão	2,50	0,88	Superávit
Piauí	1,79	0,44	Superávit
Ceará	3,15	0,39	Déficit
R. G. do Norte	1,00	0,10	Déficit
Paraíba	1,53	0,03	Déficit
Pernambuco	0,83	0,05	Déficit
Alagoas	1,25	0,29	Déficit
Sergipe	3,58	0,67	Déficit
Bahia	6,27	2,45	Superávit
Total	2,22	0,48	Superávit

Fonte: Elaboração própria.

No que diz respeito ao milho, somente o estado da Bahia é capaz de atender com sobras a necessidade da avicultura, mesmo nas menores safras; a safra máxima de milho de Pernambuco só atende 83% das necessidades da avicultura estadual. No que diz respeito à soja, só a Bahia tem superávit.

2. Barreiras Comerciais – O comércio exterior é de fundamental importância para a avicultura brasileira, constituindo-se em destino de grande parcela da produção (27,5%). As empresas exportadoras apontam algumas dificuldades para o acesso ao mercado externo. Além da forte concorrência, existem problemas de natureza logística,

⁹ CONAB – Custo frango por UF – tipo aviário – Disponível em: < <http://www.conab.gov.br/download/safra/custofrangoporUF-tipoaviario2006> > Acesso em 17.jul. 2006.

altos custos aduaneiros, saturação dos portos nacionais e as barreiras comerciais impostas pelos países importadores (SILVA & SILVA, 2006)¹⁰.

Na prática do comércio mundial constata-se a imposição de barreiras que visam proteger setores ameaçados por concorrentes mais eficientes. Especialmente países ou blocos de países mais desenvolvidos, como Estados Unidos, Japão e União Européia (UE), impõem constantes barreiras, sobretudo a produtos oriundos do setor primário. O Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC, 2006)¹¹ classifica os entraves protecionistas praticados pelos diversos países em três principais grupos: a) barreiras tarifárias (tarifas de importação, novas taxas e valoração aduaneira); b) barreiras não-tarifárias (imposição de quotas, restrições quantitativas, licenciamento de importações, procedimentos alfandegários, medidas “antidumping” e compensatórias); e c) barreiras técnicas (normas e regulamentos técnicos, regulamentos sanitários, fitossanitários e de saúde animal).

Atualmente, os produtos avícolas, no comércio internacional, são afetados pelas seguintes barreiras principais, em que predominam as de natureza sanitária: vírus da Influenza Aviária; doença de Newcastle; presença de antibióticos (nicarbazina e nitrofurano); presença de promotores de crescimento (avilamicina e flavomicina); rastreabilidade; boas práticas de produção (GMP - *Good Manufacturing Practices*); análise de pontos críticos e perigos de controle (HACCP - *Hazard Analysis Critical Control Points*); e, finalmente, reclassificação tarifária do frango salgado (conforme classificação da UE).

A adoção de barreiras resulta na elevação dos custos e do preço dos produtos, pela necessidade de investimentos adicionais em equipamentos e processos, com conseqüente redução das quantidades exportadas. No caso dos estados ou empresas que ainda não exportam – o que, por enquanto, é a realidade da avicultura nordestina – esse encarecimento do processo produtivo os distancia mais do mercado externo, restringindo as possibilidades de crescimento. O surgimento súbito de obstáculos à exportação gera ainda um outro prejuízo para a atividade regional: a colocação (pelas empresas do Sul/Sudeste) dos excedentes no mercado nordestino, a preços aviltados, em prejuízo da produção local.

3. Aspectos Sanitários – A avicultura tem um de seus maiores desafios nas questões referentes à sanidade. Os recentes episódios de epidemias continentais¹² causaram perdas econômicas e a implementação de barreiras comerciais. A Influenza Aviária (Gripe das Aves), ainda não verificada no Brasil, constitui-se em uma ameaça constante e de vasto poder destrutivo. Como forma de prevenção, todos os componentes do sistema agro-industrial precisam se mobilizar para prevenir a entrada e disseminação dessa doença no Brasil.

¹⁰ SILVA, C. A. C. & SILVA, O. M. da – O impacto de restrições não-tarifárias nas exportações brasileiras de carne de frango. XLIV CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 464, 2006, Fortaleza, CE. Anais...: Fortaleza, CE: SOBER, 2006. CD-ROM.

¹¹ MDIC (Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior) – Barreiras Externas – Barreiras Técnicas – Disponível em: <<http://www.desenvolvimento.gov.br/sitio/secex/negInternacionais/barExtInfComerciais/barComBens.php>> Acesso em 18 ago. 2006.

¹² Focos dessa enfermidade já foram diagnosticados em trinta e cinco países e há a ameaça de uma pandemia mundial. Os vírus da influenza aviária são específicos da espécie avícola, mas em casos raros têm infectado seres humanos. Há registros de que a doença já atingiu 171 pessoas no mundo e foi responsável pela morte de quase 100 pessoas até 2006. Dos vírus da Influenza, o H5N1 é o mais letal; quando acomete os frangos representa dois riscos para a saúde humana: o risco de infecção direta e de mutação do vírus, adquirindo a capacidade de transmissão de pessoa para pessoa (fenômeno ainda não constatado). A gripe aviária infecta as pessoas pelo contato direto com frangos infectados ou com superfícies e objetos contaminados pelas fezes das aves.

A “regionalização” é uma das providências que vêm sendo adotadas para redução dos riscos e aumentar a segurança sanitária das criações. Consiste adotar – em áreas específicas – uma série de normas e exigências impostas pelo MAPA (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento) para atender ao Programa Nacional de Sanidade Avícola – PNSA, criado para proteger os plantéis das doenças que provocam prejuízos econômicos à atividade (sobretudo Newcastle e Influenza Aviária) e servem de alegação para o estabelecimento de barreiras às exportações. As áreas (os estados) serão classificadas em status sanitários diferenciados, em função do atendimento às exigências do PNSA. Dentre as exigências do Programa está a proibição do comércio de aves vivas, inclusive aves de descarte (normalmente vendidas vivas). A regionalização é indispensável para o cumprimento dos programas de biossegurança internos e exigidos pelos países importadores. Áreas ou estados com status sanitário inferior não poderão exportar seus produtos para áreas ou Estados classificados em status superior, aspecto que trará sérios prejuízos aos estados que não atenderem as exigências do PNSA.

Essa restrição deve se constituir na maior fonte de preocupação para a atividade avícola da nossa Região. A venda de frangos vivos é uma forma de comercialização ainda extremamente importante no Nordeste, a saber: 57,4% da produção de frangos em Pernambuco é comercializada viva e 30% dessa parcela é vendida fora do Estado. Na Bahia, a comercialização de aves vivas é, aproximadamente, 24% da produção. Quase toda a produção do Ceará é comercializada viva e embora a produção local atenda somente a metade da demanda, as grandes empresas cearenses fornecem aves para outros estados. Ou seja, aquela restrição significará perda de mercado para os estados “exportadores”¹³ que não contam com frigoríficos industriais com capacidade para processar a fração da produção hoje vendida viva.

A falta de frigoríficos industriais, além disso, constitui-se num obstáculo para a venda de cortes de frango, embutidos e preparações de carne, produtos de maior valor agregado cuja produção contribuiria para aumentar a renda capturada pelo SAG-Avicultura regional. Por outro lado, um frigorífico industrial requer uma oferta firme de aves, exigindo uma coordenação do sistema que assegure a produção de frangos no volume e qualidade requeridos. Isso explica o avanço da produção integrada de frangos na Bahia – responsável pelo desempenho recente daquele Estado –; fenômeno ausente, por exemplo, no Ceará.

Apesar dos aspectos negativos acima mencionados, o Nordeste conta também com pontos positivos importantes na avicultura, dos quais cabe destacar: a Região oferece condições ambientais que estimulam a atividade avícola; o clima, com temperaturas que apresentam pequena variação, bastante luminosidade solar e ventilação adequada, constitui-se em um elemento redutor de custos no que se refere às instalações de criação, se as compararmos com aquelas necessárias para a prática da atividade em regiões mais frias e de maior variação térmica. Dispõe de uma oferta adequada de pintos de um dia e ovos férteis capaz de atender às necessidades regionais mesmo num cenário de expansão. Está dotada de uma infra-estrutura de formação de recursos humanos especializados na avicultura capaz de atender às necessidades atuais e futuras; conta com técnicos de grande conhecimento nas empresas privadas e nos centros de pesquisa e ensino; não faltam empresários experientes na atividade, organizados em associações bastante atuantes em todos os estados e articuladas com suas congêneres nacionais. A população nordestina, que supera 51 milhões de habitantes¹⁴, representa um grande mercado consumidor para carne de frango, com um contingente razoável

¹³ Termo usado aqui no sentido de vender para os estados vizinhos, não para o exterior.

¹⁴ Ou 54 milhões, se considerarmos a área de atuação do BNB, incluindo o norte de Minas Gerais e do Espírito Santo.

de público para o qual a elasticidade-renda é elevada¹⁵, mercado esse que, em situações normais, não é o foco das grandes empresas avícolas do Sul/Sudeste do País.

Para consulta aos demais números do [Informe Rural ETENE](#), clicar sobre o título desejado pressionando CTRL:

Ano 1 N°1 Jan 2007 – Cadeia produtiva da soja ensaia recuperação em 2007:

http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=146

Ano 1 N°2 Fev 2007 – Mercado de carne bovina (1) – cenário mundial:

http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=147

Ano 1 N°3 Mar 2007 – Cenário para a agroindústria brasileira de frutas:

http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=382

Ano 1 N°4 Abr 2007 – Mercado de derivados de cana-de-açúcar (1) – álcool:

http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=438

Ano 1 N°5 Maio 2007 – O mercado de derivados de cana-de-açúcar (2) – cachaça

http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=595

¹⁵ Ou seja, um aumento de x% na renda leva a um aumento do consumo de carne de frango maior do que x%.